

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — Presidente do Conselho

MANOEL FRANCISCO BRITO — Diretor Presidente

ROSENAL CALMON ALVES — Diretor

WILSON FIGUEIREDO — Diretor de Redação

DACIO MALTA — Editor

MERVAL PEREIRA — Editor Executivo

ORIVALDO PERIN — Secretário de Redação

Crepúsculo dos Pajés

Todas as teorias econômicas fracassaram no combate à inflação brasileira. Os mais diferentes planos econômicos e ações foram incapazes de promover a estabilidade e a retomada do crescimento econômico. Em consequência, o prestígio dos economistas pátrios vem desmoronando em meio ao desânimo coletivo e à suspeita generalizada de que a ciência que exercem não é bem uma ciência.

O Brasil parece ter se tornado uma *case history* de imuno-deficiência à racionalidade econômica: somos hoje o país que melhor ilustra a tese mordaz do professor francês Bernard Maris (*Des éconômistes au-dessus de tout soupçon*), segundo a qual a economia neste final de século se parece cada vez mais com a medicina do século XVIII, descrita no melhor teatro da época. Como os médicos de Molière, nossos economistas não passam de “sábios ignorantes”, cuja principal proeza consistiu em impor a hegemonia de fórmulas e índices sobre o discurso político.

A sociedade brasileira está exausta de feitiçarias econométricas e construções matemáticas que não resolvem nada. Convocadas pelos governos, sumidades universitárias limitam-se a fornecer um biombo retórico que funciona como “efeito autoridade”, enquanto de fato praticam uma disciplina cada vez mais identificada por sua arrogância e inutilidade.

Vimos na última década um melancólico desfile de mandarins obcecados em fixar tetos, taxas e porcentagens no espírito do cidadão comum; institutos de sondagens esterilizar a imaginação e a criatividade da classe política, o jargão pseudo-científico substituir a reflexão e a visão política.

Como bem observou Maris, nossos economistas, como os médicos de Molière, no fundo dispõem de apenas dois remédios: a purga e a sangria. O primeira é a desvalorização, espécie de lavagem que permite uma melhor circulação dos fluxos. O segunda é o saneamento, a contração da base monetária — bloqueia-se a liquidez, aumentam-se as taxas de juros ou as reservas e é tudo.

Este receituário simplório, adornado com uma nomenclatura pomposa e pernóstica, apenas racionaliza e enobrece o poder do tecnocrata, um profissional com resquícios autoritários, que despreza altivamente a classe política e se considera dono da verdade.

A Receita Federal legisla sem se importar com a opinião do Congresso Nacional. Trancados numa sala da Academia de Tênis de Brasília, a ministra Zélia Cardoso de Mello e cinco assessores mudaram a vida de milhões de pessoas, sem a menor consideração pelos “detalhes” do cotidiano dos brasileiros. Fizeram juras ao liberalismo e inventaram o que o *Financial Times* chamou de “stalinismo de mercado”.

Tais atitudes foram cevadas na ditadura militar. Os militares adoravam os esquemas rígidos, as fórmulas e os conceitos arrumadinhos, as composições de gráficos e algarismos — e entregaram o Brasil a dois ou três pajés. Em pouco tempo, eles tomaram o espaço dos políticos.

Mário Henrique Simonsen, Delfim Netto, Dil-

son Funaro, Bresser Pereira, Mailson e Zélia tiveram pelo menos alguma coisa em comum: a crença de que a realidade deveria se submeter a seus modelos teóricos. As cobaias de seus experimentos que se ajeitassem como pudessem. Através desses anos de chumbo, houve sempre um bode expiatório de plantão, responsável por todos os males da economia, e uma panacéia capaz de saná-los.

Foram usados sucessivamente os choques do petróleo, a elevação da taxa de juros americana, o mecanismo da inflação inercial, a dívida externa, o déficit público, o grau do fechamento da economia, a defasagem das tarifas públicas e o ajuste fiscal. No frígido dos ovos, toda vez que os economistas tiveram algum tipo de poder de decisão, os resultados foram pífios.

Diz um importante executivo americano que o economista é aquele camarada que escreve sempre dois artigos: um para dizer o que vai acontecer e outro para dizer porque não aconteceu. E são melhores na retificação do que na previsão. Sob o impacto do primeiro choque do petróleo, em 1973, o Prêmio Nobel John Kenneth Arrow exprimiu assim sua perplexidade: “Pedir a um economista para prever o preço da energia no final do próximo ano é o mesmo que perguntar a um especialista da evolução qual será a próxima espécie a evoluir.”

Em 1914, grandes economistas europeus previram que a guerra não duraria mais de três meses, diante da falta de recursos dos beligerantes. Nas vésperas do primeiro choque do petróleo, peritos sustentaram que o preço dos combustíveis ia cair; dias antes do segundo, previram a retomada do crescimento.

Na verdade, só no Brasil, onde ninguém vai à falência, os economistas dominam a vida pública e desfrutam de um tal prestígio social, falando em *índice Gini* e *efeito Tanzi* e exibindo tablitas, quadrissemanas, Ufir e bolhas inflacionárias. Quem na plateia conhece o nome do grande mago das finanças do Japão?

E há mais: nos Estados Unidos, economistas que erram têm o mesmo destino dos médicos que operam errado e engenheiros que não sabem projetar uma ponte. Empresas como o Citibank — que chegou a investir US\$ 3 milhões ao ano na manutenção de um departamento econômico — notaram na ponta do lápis que a relação custo-benefício neste caso lhes era francamente desfavorável.

Economistas erram muito porque fazem projeções baseadas em modelos que só funcionam em um mundo estático ou muito estável. Nenhuma das milhares de *newsletters* produzidas pelos sabichões de plantão previu a queda da inflação sob Reagan, o colapso do comunismo, o avanço do fundamentalismo no Irã e o efeito da competição internacional sobre a economia americana. Então, o Chase Manhattan Bank, a Kodak e a Xerox reduziram ou eliminaram seus departamentos de previsões econômicas.

Aqui, porém, permanecemos fieis à néscia adoração de nossos médicos setecentistas. Ainda que suas purgas e sangrias à moda de Molière nada consigam contra a segunda maior inflação do mundo.